

# **Paisagens multiespécies, corpo e mente específicos:** algumas pistas para o estudo das raças caninas<sup>1</sup>

Lucas Woltmann Figueiró (UFRGS, Brasil)<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Cinofilia. Representações sociais. Paisagens multiespécies.

## **1. Introdução e os termos do debate**

A presente comunicação trata de representações sociais sobre as raças caninas, mais precisamente dos modos pelos quais instituições cinófilas como a Federação Cinológica Internacional (doravante FCI) e a Confederação Brasileira de Cinofilia (doravante CBCK) representam suas origens e particularidades. Para que essa discussão seja interessante e clara para leitoras/es e ouvintes, considero importante tecer algumas considerações iniciais sobre “os termos do debate”. Faço isso com o auxílio de um conjunto de documentos institucionais produzidos e/ou compartilhadas publicamente pela FCI, CBKC e o Clube Brasileiro do Pastor Alemão (CBPA), como estatutos, regulamentos, diretrizes, artigos técnicos e informativos, e especialmente documentos denominados de “Padrão Oficial das Raças”.

Carregado por muito engajamento, afeto e amor entre humanos e cães, o termo “cinofilia” rotula desde o exercício da canicultura (estudo, seleção, reprodução, cuidado e comercialização de cães de raça) às associações e instituições que normatizam, orientam e zelam pelo desenvolvimento dessa atividade. A origem da organização de clubes de canis e a promoção de exposições de cães de raça pode ser rastreada entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX na Europa, mais particularmente na Inglaterra (PEMBERTON; WORBOYS, 2015). Graças ao crescimento de sua popularidade, a cinofilia ostenta atualmente um profuso emaranhado institucional que se estende em confederações, federações, sociedades e clubes ecléticos (dedicados a várias raças caninas) ou especializados (ocupados de raças específicas) internacionais, nacionais, estaduais e locais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS). Agradeço ao suporte financeiro proporcionado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Desse emaranhado, destaco duas entidades particularmente relevantes para a presente comunicação, as já citadas FCI, fundada no ano de 1911 com o objetivo de “fomentar y proteger la cinología<sup>3</sup> y los perros de pura raza” (FCI, 2020a), e sua afiliada no Brasil, a CBKC, associação civil sem fins lucrativos dedicada à gestão da cinofilia no país. O sucesso nacional da cinofilia faz a CBKC ostentar com orgulho o fato de, no ano de 2017, o Brasil ter assumido a quinta posição no ranking dos “90 países associados” que mais registraram cães no sistema da FCI com “quase 150 mil cães” (CBKC, 2019c). De forma conjunta e através de vínculos mais ou menos estreitos com outras associações do ramo, FCI e CBKC trabalham na organização e promoção do calendário anual de eventos (palestras, seminários, simpósios, etc.), exposições (de modalidades diversas, como agility, trabalho, adestramento, conformação, beleza) e no controle de dispositivos<sup>4</sup> destinados a regular e orientar “criadores, expositores, árbitros e cinófilos em geral” (CBKC, 2020a).

De modo a apresentar um pouco da dinâmica, dos envolvidos e alguns dos dispositivos importantes nesse ramo, teço breves descrições introdutórias sobre as denominadas “exposições de conformação”. Para participar desses certames é preciso possuir um canil devidamente registrado e criar cães com “pedigree”, documento que tanto identifica criadores e cães (reunindo informações como o nome de ambos e do canil, sua raça, data de nascimento), como certifica e informa sua árvore genealógica até a terceira geração. Uma vez considerados aptos, inscritos e dentro da pista de exposições, os cães são conduzidos pelo proprietário, criador ou profissionais chamados de *handlers* e apresentados a árbitros cinófilos certificados por instituições do ramo. O objetivo é “selecionar e classificar os melhores exemplares das raças caninas, em conformidade ao Padrão Oficial da Raça adotado pela CBKC” (CBKC, 2018a, p. 3), agregando “valor” a eles e sua prole (CBPA, 2020a, p. 2). Para tal, o árbitro avalia cada cão a luz desse padrão normativo preestabelecido para as raças e compara todos participantes de determinada categoria (divididas por raça, sexo, idade) entre si.

Decerto essa breve e reducionista apresentação deixa muitos elementos de fora. Como minhas primeiras (e ainda incipientes) inserções etnográficas me levam a pensar, a despeito de se tratarem de “competições”, eventos locais e estaduais do ramo ostentam

---

<sup>3</sup> De acordo com Bruno Tausz, etólogo e ao menos à época da publicação do “Dicionário de Cinologia” (1997, p. 38), criador, árbitro de todas as raças de exposições de Beleza e de Adestramento do Quadro Oficial de Árbitros da CBKC, consiste no “estudo científico das origens, formação, desenvolvimento e características morfológicas, físicas e mentais das diversas raças caninas”.

<sup>4</sup> Tenho em mente o sentido evocado por Giorgio Agamben (2009, p. 40).

um clima cordial, descontraído e alegre entre seus participantes; revelam consideráveis diferenças de atitude e performance entre condutores e cães; indicam a importância de considerar a logística pré-exposição e a rotina de cuidado e preparação no pré-pista; convidam a pensar como brinquedos e petiscos ajudam a manter os cães em movimento nas exposições ou provas de trabalho e, o que talvez seja mais interessante, esteticamente ativos, com as orelhas levantadas, com um olhar interessado e curioso, de forma a evitar que possíveis “falhas” apareçam ou sejam acentuadas por uma posição de desinteresse no decurso do julgamento, etc. Deixando esses e outros detalhes de lado nesta comunicação, essa breve apresentação objetiva chamar atenção para um elemento em especial, o Padrão Oficial da Raça.

Além de sua tarefa “protocolar” (reunir informações de cunho geral sobre a raça e seu reconhecimento institucional, como grupo e seção em que o cão é classificado<sup>5</sup>; imagem ilustrativa; seu país de origem, patrono e/ou de desenvolvimento; data de sua publicação e atualização<sup>6</sup>), o documento de Padrão Oficial das Raças esmiúça na forma de texto o que seria a “imagem [...] ideal” correspondente a cada raça canina “contra a qual os exemplares são avaliados e selecionados” (CBKC, 2017a, p. 5). Três elaborações institucionais, duas oferecida pela FCI, e outra pelo Conselho de Árbitros da CBKC, permitem refinar uma definição do que esse documento representa. Segundo a FCI, ao fornecer uma “descrição metódica do arquétipo de uma raça” (FCI, s/d, p. 1, tradução livre), o padrão representa um “guia” das “características específicas” convencionadas para cada raça canina (FCI, 2010, p. 1). Para tal, e aqui entra definição oferecida pela CBKC (2017a, p. 1), esse dispositivo “atribui texto e limites conceituais para criar [...] uma ideia coletiva” do que uma raça “é em toda a sua essência”, algo como uma “imagem mental nascida e construída através de décadas de dedicada e atenta criação, para ser reconhecida e aceita por qualquer árbitro que, como parte dessa ideia coletiva, conhece e confirma a

---

<sup>5</sup> Por deliberações de seu Comitê Científico, a partir de 1965 a FCI adotou uma divisão em grupos baseada em raças que seriam “utilizadas para fins semelhantes” (CBKC, 2013, p. 139). Hoje essa divisão se dá em dez grupos, sendo eles: (1) Cães Pastores e Boiadeiros, exceto os Suíços; (2) Cães do Tipo Pinscher e Schnauzer, Molossos e Boiadeiros Suíços; (3) Terriers; (4) Dachshunds; (5) Cães do Tipo Spitz e do Tipo Primitivo; (6) Cães do Tipo Sabujo e Rastreadores; (7) Cães de Aponte; (8) Cães Levantadores, Recolhedores e de Água; (9) Cães de Companhia; e (10) Lebréis (CBKC, 2013). A CBKC ainda conta com um 11º grupo denominado “Não reconhecidas pela FCI”, que, diferente dos anteriores, “reúne as raças não reconhecidas ou em processo de reconhecimento” por essa federação (CBKC, 2018c). Esses grupos ainda são refinados em “seções”, que reúnem “raças com semelhanças no tamanho (ou porte), tipo estrutural, funcionalidade atual e função para a qual a raça fora inicialmente criada, ou seja, [...] características em comum” (CBKC, 2013, p. 139).

<sup>6</sup> A redação dos documentos de Padrão, bem como sua manutenção e possível revisão (detalhamento ou retificação), é considerada uma responsabilidade dos países e clubes que primeiro registraram uma raça e inscreveram sua imagem ideal, que a partir daí precisa ser corroborada e certificada pela FCI.

imagem criada pelo texto do padrão, e incorporada em muitos” cães de raça “excelentes”. Reconhecidas como o conjunto de atributos que “conferem distinção” (CBKC, 2015a, p. 3) a uma raça se comparada a outras e faz com que um exemplar “se pareça o suficiente com os seus congêneres da mesma raça” (CBKC, 2015c, p. 8), as características específicas de cada raça são qualificadas como “conformação típica”. É ela que cada Padrão Oficial da Raça busca esmiuçar através de uma “detalhada descrição das características físicas e mentais que deveriam ser perseguidas pelos criadores” (CBPA, 2020a, p. 1).

Decerto os documentos de Padrão guardam diferenças mais ou menos sutis entre si, no entanto, de modo geral, oferecem informações como a “utilidade”/“função” (ancestral e/ou atual) de uma raça; um “breve resumo histórico” sobre suas origens; descrições de elementos como “aparência geral”, “comportamento/temperamento”, características morfológicas (cabeça, região facial, pescoço, tronco, cauda, membros, pele, pelagem, cor, tamanho/peso), “proporções importantes” das e entre as partes do corpo, movimentação e “faltas” – algumas delas “gerais” e eliminatórias, motivadas por condições como cegueira, surdez, anomalia física, etc., e outras “específicas”, dedicadas a “manter as características raciais dentro dos limites utilitários considerados aceitáveis para a mesma” (CBKC, 2013, p. 145) e penalizar “propiedades que van rotundamente en contra del tipo ideal de la raza” (FCI, s/d, p. 1). Ou seja, de um lado, descrições e detalhamentos que tentam construir um modelo de “tipo ideal” a ser buscado em cada raça e exemplar, e de outro, graus de desvio que apontariam para a direção contrária – o que pode incluir desde a descaracterização ou “ausência de tipo racial” (CBKC, 2001a, p. 9) até um “hipertipo” (CBKC, 2015c, p. 7), “exagero de características da raça” através das quais o “cão se parece mais com uma caricatura” (CBKC, 2017c, p. 12).

Enquanto me debruçava sobre os documentos citados e me aventurava como espectador em um pequeno número de “exposições de conformação”, provas de trabalho, eventos recreativos e solidários entre o final de 2019 e os primeiros meses de 2020, passei a nutrir uma série de dúvidas e curiosidades sobre esse universo. Como se explica certa raça canina ostentar um tipo particular e não outro? De que modo instituições cinófilas como a FCI e a CBKC representam as origens do conjunto de características físicas e mentais estabelecidas como ideais e particulares para cada raça canina? Ao longo de minhas análises documentais vi no item “breve resumo histórico” apresentado nos documentos de Padrão Oficial da Raça um caminho particularmente promissor para procurar respostas às perguntas colocadas.

É oportuno mencionar que essa opção pelos documentos reflete tanto o estágio inicial da pesquisa, quanto (e principalmente) as limitações que a pandemia de COVID-19 colocou aos envolvidos na cinofilia (algumas severas, tal qual a redução da renda de certas categorias do ramo, como aqueles que preparam os cães antes do ingresso na pista de exposições, *handlers*, entre outros) e conseqüentemente à realização do trabalho de campo. Eventos e exposições foram temporariamente suspensos, e visitas a canis que já estavam por mim agendadas, *idem*. Deste cenário aflora a necessidade de uma importante ressalva sobre os rumos da análise na presente comunicação. Obviamente há um oceano entre o modelo típico ideal e a realidade de cada cão e do conjunto de relações do qual é partícipe. No entanto, o cenário infeliz e excepcional que estamos vivendo exigiu a necessidade de deixar provisoriamente em suspenso o desafio de explorar como a diversidade ordinária e contingente dos cães rompe com as expectativas padronizadas que regem os modelos ideais das raças caninas. Deixo isso para o seguimento do trabalho de campo e os próximos passos da pesquisa. Nessa comunicação me atenho a explorar esses cães de papel, suas versões “ideais”, “arquetípicas” e “modelares”, e que pistas podem legar para o restante da pesquisa.

Do ponto de vista teórico e conceitual, me inspiro em Anna Lowenhaupt Tsing. Longe de fazer uma exegese de sua obra e proposta analítica, me limito a aproveitar da potencialidade de pistas e ferramentas conceituais trabalhadas pela autora em “Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno” (2019), coletânea que traduz e articula dez artigos e pequenos interlúdios publicados pela antropóloga em capítulos de livros e revistas científicas entre os anos de 2011 e 2017. Como se verá no decorrer da deste trabalho, conceitos como “paisagens multiespécie” e “coordenações” representaram uma importante fonte para imaginação nos momentos em que me familiarizava com documentos produzidos por instituições cinófilas, especialmente o Padrão Oficial das Raças. É provável que os usos que promovi de seu arcabouço conceitual escapem da proposta de Tsing, no entanto, amparo meu empreendimento na própria autora e em sua generosidade, sobretudo quando sugere que esses conceitos possuem “suas próprias possibilidades” (TSING, 2019, p. 91). A próxima seção trata dessa inspiração e algumas possibilidades.

## **2. Os termos de Tsing, inspirações e possibilidades**

A inspiração na citada coletânea resulta de meu encantamento com a habilidade e sensibilidade de Tsing em valorizar e descrever múltiplos encontros entre humanos e não

humanos – bem como, entre não humanos e não humanos, pois como a autora adverte de forma sagaz, “às vezes, os humanos não são nem um pouco protagonistas” (TSING, 2019, p. 128). Fungos, cogumelos matsutake, pinheiros, camponeses e uma miríade de entes, formas de viver e se relacionar ganham contornos e animação em suas páginas.

Para estudar relações interespecíficas em desdobramento e “pensar através de uma variedade de escalas, de tempos distantes a eventos atuais”, Tsing (2019, p. 248) oferece o conceito de “paisagem multiespécie”. Após examinar as genealogias em torno desse conceito e alguns dos sentidos que ainda assombram sua apropriação metodológica na antropologia, especialmente aquelas que retornam “à pintura de paisagem holandesa, ao pitoresco e à reificação da Natureza como objeto da visão Iluminista” (Ibidem, p. 247), Tsing valoriza a contribuição do geógrafo Kenneth Olwig (1996) por a “conduzir para além deste impasse”. Para ela, Olwig oferece “uma genealogia anterior e mais pertinente da paisagem na Europa germânica”: um “lugar em que reuniões (*moots*) políticas podiam ser promovidas para discutir coisas, isto é, assuntos de importância” (Ibidem, p. 247). Na esteira dessa genealogia, sua noção de “paisagem”, um compósito de imaginação e matéria, fatores bióticos e abióticos, pode ser identificada como “uma reunião em formação” (Ibidem, p. 247), ou em outros termos, um “palimpsesto de movimentos humanos e não humanos” capaz de produzir – mesmo que por tempo indeterminado – “uma biografia comunitariamente entrecruzada” (Ibidem, p. 82). A opção por esse conceito, portanto, parece conduzir a “análise para uma multiplicidade entrelaçada” (Ibidem, p. 149).

Considerando que para Tsing uma paisagem de habitabilidade comum “pode existir em qualquer escala desde que abranja padrões de heterogeneidade” (Ibidem, p. 248), seu exame demanda um recorte – pois “não precisa abrir-se ao ponto de exigir que tudo entre na análise” (Ibidem, p. 149) – e uma “lente para observar organismos interagirem uns com os outros” (Ibidem, p. 94). Essa lente nos leva ao conceito de “coordenação”. Ao menos num primeiro momento, Tsing sugere que imaginou a “coordenação entre modos de vida multiespécie como [...] uma composição musical na qual cada parte representa uma melodia independente” em que “os ouvintes devem acompanhar os momentos em que essas partes criam um efeito entre si” (Ibidem, p. 101-102), ou seja, aos “devires que eles proporcionam em seus encontros” (Ibidem, p. 148). Uma citação da artista e antropóloga Elaine Gan reproduzida por Tsing sugere que esse conceito não trata simplesmente de “ocorrências coincidentes” ou “coisas que apenas acontecem ao mesmo tempo” entre os entes, mas remete a uma “sintonização específica” que, ao “se desdobrar e se repetir”, conjugam ou fazem aflorar uma “justaposição entre diferenças historicamente

constituídas” (GAN, 2013, p. 2-3 apud TSING, 2019, p. 148). A justaposição ou “estrutura conjunta” que as micorrizas representam nas relações entre pinheiros e fungos são exemplares desse “aparato de coordenação” teorizado por Tsing (2019, p. 155).

Como a “diversidade é criada” através desse tipo de sintonia, a abordagem de Tsing (2019, p. 24) convida a “narrar as histórias em que a diversidade emerge”. A autora qualifica isso como “método de reconstituição histórica”, um investimento para “trazer histórias para o presente, preenchendo o presente com os traços de interações e eventos anteriores” (Ibidem, p. 172). Segundo ela, no entanto, “não é o fluxo da história” que deve reter toda atenção do analista, mas também “o súbito afloramento de uma oportunidade contingente para justaposições estranhas” (Ibidem, p. 82), sejam elas fruto de relações interespecíficas harmônicas ou mesmo expressem seu caráter mais “brutal e hierárquico” (Ibidem, p. 92). Trata-se, portanto, de não se restringir ao indivíduo e investir na valorização analítica de “histórias de linhas de vida emaranhadas” (Ibidem, p. 41). Como Tsing permite pensar a partir de suas observações a respeito do trabalho colaborativo de catadores, alces, pinheiros, cogumelos matsutake e plantas *candy stick*, são “as linhas de vida cruzadas” que “guiam a performance” dos partícipes, pois na medida em que “perambulam nos caminhos uns dos outros, conseqüentemente tocando-se em algumas ocasiões”, eles também “incorpora[m] as performances da vida dos outros em suas próprias performances” (Ibidem, p. 41).

Ainda, refletindo sobre “como estudar mundos sociais de seres que não podem falar conosco”, e pensando mais especificamente na vida social de plantas e fungos, Tsing (2019, p. 126) também aponta como caminho profícuo para análise investir na “observação da forma corporal” dos seres. No que se refere a fungos, Tsing indica que, ainda que “não consigam se mudar para outro lugar”, eles continuam “crescendo e mudando ao longo de suas vidas”, de modo que “suas formas mostram suas biografias; é uma história das relações sociais através das quais elas foram moldadas” (Ibidem, p. 127). Ao menos como desejo demonstrar na próxima parte desta comunicação, os corpos de cães de raça também parecem oferecer “um vislumbre privilegiado das histórias sociais inscritas na forma” (Ibidem, p. 127).

### **3. O debate: paisagens multiespécies, corpo e mente específicos**

[...] encontro-me poderosamente atraída pela história. Como as coisas se tornaram desse jeito lá, ou ali? [...] a história é como uma comichão para mim ao

estudar paisagens: ela estimula a necessidade de rastrear detalhes e reunir histórias. (TSING, 2019, p. 82)

Semelhante a Tsing, encontro-me “atraído pela história”, mas de um modo diferente. Estou particularmente interessado em *como cães de raça se tornaram desse ou daquele jeito lá ou ali*. Para atender a essa “comichão”, também me dediquei a “rastrear detalhes e reunir histórias” em que a diversidade emerge, ainda que no meu caso a diversidade racial e de tipo canino. Nesse percurso, os “breves resumos históricos” das raças caninas inscritos nos documentos de Padrão Oficial das Raças foram excelentes guias:

O Pastor da Anatólia é um pastor de guarda de antiga linhagem, provavelmente descendente dos grandes cães de caça existentes na Mesopotâmia. A raça se desenvolveu durante anos para adaptar-se a um conjunto específico de circunstâncias. Entre estes, o elemento mais formativo foi o clima – verões quentes e muito secos, invernos muito frios – o estilo de vida sedentário das pessoas, semi ou totalmente nômades, e o trabalho atribuído aos cães. Eles guardavam rebanhos [de ovelhas] viajando grandes distâncias no “Planalto Central da Anatólia”. [...] (CBKC, 2016, p. 3).

O cão Perdigueiro Português é originário da Península Ibérica e descende do antigo Perdigueiro Peninsular, ancestral comum de outros cães de aponte. Evoluiu adaptando-se ao clima, ao terreno, à caça e por uma seleção sócio-cultural imposta pela especificidade dos portugueses que os estavam criando há séculos com o propósito da caça. [...] Era criado em canis da realeza e da nobreza e utilizados na falcoaria. No século XVI, já nomeado “Perdigueiro” (derivado de perdiz), que era comumente usado pelos plebeus. A definição das atuais características e a disseminação por um grupo de criadores e caçadores começou no primeiro quarto do século XX (CBKC, 2009a, p. 3)

Essas passagens convidam a imaginar nos ancestrais mais distantes dessas raças, em um conjunto de socialidades mais que humanas e em circunstâncias ambientais, climáticas, culturais e laborais que, articuladas, representariam os *elementos formativos* – para me valer da terminologia utilizada na primeira passagem citada – da conformação típica das raças tal como descritas em seus respectivos documentos de Padrão. Mesmo que por vezes ausente deste documento ou então curto e breve, outros relatos do gênero possuem uma estrutura semelhante, ainda que sejam diversos em termos de local, época, atenuantes e na ênfase dada a um ou mais desses elementos citados. Ao chamar atenção para histórias de vida emaranhadas e seus devires, o “breve resumo histórico” da raça Pastor de Kangal é um exemplo interessante:

[...] A questão sobre as origens do Cão Kangal que conhecemos hoje deve ser sobre o que os levou, na Turquia, a ter um padrão mais uniforme em termos de tipo e especialmente de cor. Acredita-se que a resposta estaria ligada a uma região do Leste da Turquia altamente povoada por esses cães, e o tipo de raça de ovelha que são conhecidos por proteger: Ovelhas Akkaraman. Ambos parecem compartilhar a mesma máscara preta em um casaco pardo colorido, sobre as vastas estepes do Leste da Turquia cercadas por altas montanhas, criando uma população relativamente isolada. Isto sugere uma perfeita camuflagem e

adaptação para ambos. O nome da raça, Kangal, parece vir da cidade de Kangal ao largo de Sivas, onde a raça atraiu a atenção mundial com qualidade excepcionalmente alta e exemplares uniformes. (CBKC, 2018b, p. 3)

Além da influência que as vastas estepes e montanhas do Leste da Turquia ou mesmo a tese sobre seu relativo isolamento geográfico poderia gerar, é interessante notar como a sintonia entre ancestrais dessa raça e “ovelhas Akkaraman” é representado como elemento chave – e por isso merecedor da ênfase - para o desenvolvimento de uma das particularidades fenotípicas mais distintivas e típicas desta raça: a *máscara preta em um casaco pardo colorido* - que, por sinal, ambos parecem compartilhar.

Com base em descrições mais ou menos refinadas sobre a possível influência do meio e de histórias de relações interespecíficas de predação e/ou cooperação que datam desde o Império Egípcio (CBKC, 2000) ao final do século XX, humanos e cães são representados a partir de seu envolvimento com outros seres, em sua grande maioria recorrendo à imagem de um “trabalho colaborativo” (TSING, 2019, p. 102) onde a função<sup>7</sup> exercida pelo cão é valorizada e descrita. Exemplos incluem a afeição pela “companhia de cavalos” e o impulso para a caça de roedores associados à raça Schnauzer (CBKC, 2007, p. 3), a raça Mastim Espanhol e sua função como guarda de ovelhas da raça Merino contra “lobos” e “demais predadores” (CBKC, 2012a, p. 2), a raça Lagotto Romagnolo e sua aptidão para a procura de cogumelos (CBKC, 2015b, p. 3), a raça Welsh Terrier, “originalmente usado na caça à raposa, texugo e até mesmo lontra” (CBKC, 2001b, p. 3), a raça Cão da Groenlândia, que “na caça às focas e ursos polares demonstra um forte instinto de caça” (CBKC, 2015d, p. 3), entre outros.

Em alguns casos, os elementos formativos do conjunto de atributos considerados típicos para uma raça são representados como reflexo da incorporação de características constituintes de outras raças que por ventura tenham integrado sua linhagem até o momento de “estabilização” de sua imagem ideal – questão que retorno a seguir. De acordo com o Padrão Oficial da Raça Tosa, “antigamente, um cão de luta, hoje em dia, cão de guarda” (CBKC, 1997, p. 2), ela teria sido “desenvolvida como um híbrido de Shikokuken e de raças Ocidentais”, em especial Mastiffs, Bulldogs, Pointers Alemães, Dogues Alemães, São Bernardos e Bull Terriers, de modo que “as características” mentais

---

<sup>7</sup> Segundo a CBKC (2017b, p. 5), é a função que “determina o melhor tipo e a mais importante característica do cão de raça pura. Sem função, não há tipo ou raça verdadeira”, de modo que se no exercício da atividade cinofilia se valoriza o desejo de “preservar e proteger a raça como uma entidade funcional neste mundo moderno”, o que ao menos deveria “ser o objetivo de qualquer árbitro em qualquer raça”, é “importante entender e apreciar” essa “função”.

“estabelecidas nos Tosas, de coragem e instinto de luta, tipicamente encontradas nos Mastiffs, podem ser atribuídas ao envolvimento de tais raças” (CBKC, 1997, p. 3). É interessante como a representação de “linhas de vida cruzadas” entre raças distintas é acionada como justificativa para explicar a “incorpora[ção] [d]as performances da vida dos outros em suas próprias performances” (TSING, 2019, p. 41). Tal como no padrão da raça Tosa citado, nas vezes em que narram não apenas a *origem*, mas o *desenvolvimento* de uma raça e de sua tipicidade, esses documentos costumam valorizar o peso formativo da “seleção natural” *pari passu* com o engajamento e o direcionamento humano, vide, por exemplo, o Padrão Oficial da Raça Pastor do Cáucaso:

O Pastor do Cáucaso é considerado uma raça que teve a sua origem a partir de antigos cães Caucasionos. A expansão da raça abrange territórios desde a Faixa do Cáucaso e das regiões de estepes do sul da Rússia. A evolução da raça não foi apenas um resultado da seleção natural, mas, também, foi influenciada pelas nações que habitavam a região do Cáucaso. Historicamente, cães Pastor do Cáucaso foram usados para guardar e proteger os rebanhos e as habitações de animais de rapina e predadores. A primeira menção de cães molossóides de grande porte usados pelo exército do Czar Armenio Tigran II data do primeiro século A.C. Trabalhos de seleção com a raça foram iniciados na URSS em 1920. Características obrigatórias, como a energia física, a auto-confiança, a coragem, uma audição agudamente desenvolvida, boa visão e uma densa e impermeável pelagem foram cultivadas no processo de seleção. Todas estas características, bem como a sua resistência, permitem que as pessoas usem os cães Pastores do Cáucaso em todos os tipos de condições climáticas, incluindo as mais rigorosas. (CBKC, 2011b, p. 3)

Outro trecho, agora extraído do Padrão Oficial da Raça Podengo Português, permite destilar minhas análises:

Cão do tipo primitivo que tem a sua provável origem nos antigos cães trazidos pelos Fenícios e Romanos para a Península Ibérica na clássica antiguidade. Posteriormente teve influência com a introdução de cães que acompanharam os mouros nas invasões no séc. VIII. Adaptou-se ao território e ao clima português, originando o que é hoje o Podengo Português. Evoluiu morfologicamente ao longo dos séculos, em razão da funcionalidade, tendo sido selecionada a variedade pequena, a partir do séc. XV, como um cão caçador de ratos nas Caravelas dos navegadores portugueses. (CBKC, 2009b, p. 3)

Me valendo de conceitos e pistas oferecidas por Tsing, sugiro que, em boa parte dessas narrativas de origem e desenvolvimento, a especificidade do corpo e da mente dos modelos ideais para as raças caninas é representada como herança de um conjunto ancestral de paisagens multiespécies e “histórias sociais inscritas na forma” (TSING, 2019, p. 127). Com isso quero indicar que as representações elaboradas pela FCI (e traduzidas pela CBKC como alternativa ao público brasileiro) sobre as origens das particularidades das raças caninas permitem ou convidam a imaginar que os diferentes formatos, tamanhos, cores, texturas, aptidões, virtudes e outras características tidas como ideais, seriam

resultado de um histórico de adaptabilidade ao ambiente (clima, topografia, etc.), de coordenações entre modos de vida multiespécie (sejam elas harmônicas ou não), do “trabalho de seleção com a raça” e das “especificidades” culturais daqueles que teriam a levado adiante, e das capacidades e performances funcionais/laborais decorrentes da conjugação desses elementos (como pastoreio, caça, guarda, companhia, entre outras). O produto dessa equação representa o que seria a imagem mais longínqua de ancestralidade das raças caninas, o germe de onde suas características distintivas (físicas, mentais e funcionais) são resgatadas para o imaginário e o cotidiano cinófilo. Semelhante ao que propôs Tsing com seu “método de reconstituição histórica”, por meio de uma construção narrativa de como a “diversidade emerge” (Ibidem, p. 24) através de “histórias de linhas de vida emaranhadas” (Ibidem, p. 41), os documentos de padrão e seu “breve resumo histórico” ajudam a preencher e explicar o presente das raças caninas e de sua conformação típica e ideal com os “traços de interações e eventos anteriores” (Ibidem, p. 172).

Se ao mobilizar os conceitos de “coordenação” e “paisagens” Tsing alerta para a importância de pensar as temporalidades em jogo nos relacionamentos interespecíficos, no caso das raças caninas isso parece ser particularmente pertinente. De certo modo, é como se as narrativas de origem das raças caninas tentassem resgatar um momento chave através das quais suas especificidades teriam sido moldadas, algo como uma fotografia de como eram e, o que é particularmente interessante, a “essência” (ou o florescer de disposições “essenciais” e comuns entre seus representantes) do que a partir dali deveriam permanecer sendo. É com base nessa imagem ancestral que outro tipo de “justaposições temporais” (TSING, 2019, p. 102) precisa ser operada. Considerando que o dispositivo de Padrão Oficial das Raças serve como guia e referência para que criadores e árbitros cinófilos trabalhem de forma a preservar a tipicidade das raças caninas ao longo do tempo (guiando opções de seleção, cruza, atividades laborais, formas de adestramento, entre outras), não me parece arriscado sugerir que, à sua forma, esses documentos representam uma espécie de trilha para justapor diferentes camadas de temporalidade. O tropo dessa retórica transparece no Padrão Oficial da Raça Terrier Preto da Rússia quando indica como “falta desqualificante” em uma exposição qualquer característica física ou comportamental que represente um “desvio na direção das raças ancestrais” (CBKC, 2011a, p. 8).

Essa análise deixa pistas sobre o que as instituições cinófilas estudadas parecem desejar alcançar ou contornar ao empregar certo instrumento temporal em seus termos e explicações, ou seja, de que maneira se valem do tempo na composição de seus

parâmetros normativos e da rotina de criação: trata-se de trabalhar para alcançar a continuidade da imagem-produto dessa ancestralidade ideal e, ao mesmo tempo, contornar qualquer sinal de ruptura ou descontinuidade se comparado a ela. Não por acaso em texto replicado pelo CBPA (2020e, p. 1) sugere-se que um “criador” pode ser definido como “aquele que dá vida ao processo de continuidade de uma raça”. Sandra Swart (2003) interpretou esse afã pela continuidade como o desejo de *congelar um ponto no tempo*. Descontinuidades que não façam jus aos parâmetros inscritos e descritos em cada um dos documentos de Padrão Oficial das Raças precisam ser evitadas, sob pena de os cães não mais representarem um membro legítimo de uma raça.

Aos poucos percebi que os desafios colocados pela temporalidade parecem ainda maiores. De histórias e ancestralidades distantes, passei a observar o peso de ancestralidades próximas (para alguns, próximas até demais) e sua relação com esse afã pela continuidade. Como outros animais envolvidos em discursos raciais - cavalos (BORNE-MAN, 1988), vacas (DETURCHE, 2012; 2017), bois e touros (LEAL, 2014; 2016), para citar alguns exemplos -, as raças caninas trazem à baila uma retórica ambígua composta tanto de desejos fixistas (de valorização e manutenção de características consideradas essenciais), quanto evolucionistas (ou seja, de modificar e “melhorar” certos aspectos e capacidades ao longo do tempo) (PELLEGRINI, 2005). Mudanças que seguem a direção desejada são rotuladas de forma genérica como “refinamento” ou “melhoramento”, enquanto mudanças indesejáveis, “degenerações” (SWART, 2003), algo como as “qualidades indesejáveis que podem afastar a raça das funções ou trazer à tona características já expurgadas” (CBKC, 2013, p. 144). Conhecer e valorizar diferenças a respeito dos critérios que criadores levam em conta, suas justificativas e os métodos e técnicas para alcançar o objetivo mais geral de “melhoramento” parece representar um passo provocativo e profícuo para o futuro da pesquisa. No entanto, a despeito da diversidade dessas escolhas, também parece conveniente dar atenção à recorrência de um esquema de análise que avalia “qualidades”, “características” ou “pontos” considerados positivos/negativos, desejáveis/indesejáveis e fortes/fracos, nas quais o investimento de seleção, reprodução e criação se apoiam. Com base em artigo assinado por Carlos Vianna Neto e compartilhado no site institucional do CBPA, apresento o que está em jogo para uma “criação planejada” da Raça Pastor Alemão:

Aos criadores cabe planejar suas crias procurando evitar ao máximo a repetição de defeitos, não somente ao considerar a aparência dos reprodutores, machos e fêmeas, envolvidos, mas através de uma análise cuidadosa de seus ancestrais, e se possível, de irmãos destes, verificar suas anatomias, caráter e temperamento, e sobretudo, quanto aos seus descendentes com referência, tanto às

qualidades positivas, como também às negativas que transmitem. Nesta [primeira parte da] análise, deve-se reunir o máximo de informações possíveis, para que se possa fazer uma comparação visando eliminar ou reduzir a probabilidade da existência de combinações que possam somar características indesejáveis. (CBPA, 2020c, p. 1)

[...] a segunda [parte da análise] leva em conta as qualidades positivas, as quais podem ser reforçadas por afinidades fenotípicas, quando as mesmas qualidades positivas são encontradas, tanto nos indivíduos envolvidos, como em ambos os lados de suas ascendências, ou por consanguinidade, quando um mesmo indivíduo e/ou irmãos inteiros aparecem entre os ancestrais de ambos os lados uma ou mais vezes. Trata-se de uma forma de criação que visa reforçar e imprimir determinadas características, como correções anatômicas, de temperamento, espírito de luta, etc., mas que também possibilita o reforço de características indesejáveis, sendo, portanto, uma forma de criar na qual deve-se ter o maior cuidado. Não basta reunir em consanguinidade exemplares de destaque somente por esta razão. Todos os reprodutores, machos e fêmeas, transmitem características positivas e negativas, alguns mais positivas do que outros. Deve-se, portanto, quaisquer que sejam os reprodutores envolvidos em consanguinidades, observar com atenção e ponderar os riscos e as vantagens. (Ibidem, p. 1-2)

Dessas passagens gostaria de sublinhar a ideia de uma “criação planejada” como processo técnico que envolve o diagnóstico e a avaliação das características (físicas, mentais e funcionais) de cada exemplar (bem como, de seu pedigree, sua ascendência documentada) e um cálculo dos riscos e vantagens de sua conjugação com outro exemplar (e seu pedigree). Como o segundo trecho destacado indica, a opção por estratégias reprodutivas que envolvam consanguinidade, ou seja, o cruzamento de cães que compartilhem ancestrais comuns e mesmo laços de parentesco próximos, entram nos cálculos. A teoria mendeliana de hereditariedade parece fornecer a sustentação para esse tipo de empreendimento. Como comenta Kabenguele Munanga (2006, p. 42) ao longo de sua potente crítica ao conceito de mestiçagem, “segundo a teoria mendeliana, nenhum caráter pode aparecer se seu elemento constitutivo não estiver num ou noutro dos ancestrais”, de modo que, no trabalho de seleção de animais domésticos, recorrer-se-ia à “reprodução entre animais da mesma família como meio para descobrir as potencialidades hereditárias: o que revelará todos os fatores escondidos ou caracteres recessivos”.

Me valendo de artigo atribuído à árbitra do American Kennel Club (AKC) Carmen L Battaglia e replicado pelo CBPA (2020f), e de artigos informativos publicados na página virtual da Sociedade Brasileira de Cinofilia Independente (SOBRACI, 2019a; 2019b), gostaria de introduzir algumas das formas utilizadas para conceituar estratégias reprodutivas para cães de raça e como essa questão (e suas polêmicas) se apresenta: *outbreeding*, *outcross*, *inbreeding* e *linebreeding*.

O termo *outbreeding* indica cruzamentos entre “cães sem parentesco” (SOBRACI, 2019a), enquanto *outcross*, estratégias onde “não há ancestrais comuns nas primeiras quatro gerações” (CBPA 2020f, p. 5). Carmen L Battaglia (CBPA, 2020f, p. 5) sugere que essas estratégias reprodutivas tendem a “produzir variações nas características” da prole, ou seja, resultam em “filhotes cujas características variam amplamente, mesmo entre os irmãos de ninhada”. De forma semelhante, a SOBRACI (2019a) sugere que “a primeira geração resultante do outcrossing tem uniformidade duvidosa”, e sendo assim, “essa técnica é, geralmente, empregada como uma proposta de longo prazo para inserir determinadas características em uma linhagem que seja deficiente em alguma questão”.

Uma vez alcançados, indica a SOBRACI (2019a), “esses traços precisam ser intensificados por meio de *inbreeding* ou *linebreeding*”. Esses conceitos indicam modalidades de cruzamento centradas “no uso de ancestrais relacionados entre si” (CBPA, 2020f, p. 6), ou seja, cruzamentos feitos com base em uma variedade de parentes próximos e/ou distantes. Enquanto o *inbreeding* é associado a graus de parentalidade “mais próximos do que primos” (CBPA, 2020f, p. 6), como entre pais e filhos, entre irmãos e meio-irmãos, e *linebreeding* remete a laços um pouco mais distantes, como tios, sobrinhos, avós, primos (SOBRACI, 2019a). Ambos modelos tendem a ser acionados como opção sob a justificativa de “concentrar os genes necessários para manter e preservar os traços e características necessárias” (CBPA, 2020f, p. 6), ou como a citação destacada a seguir indica de forma mais didática, dar continuidade e “fixar” certas características nos cães, sejam elas positivas, fortes, desejáveis ou não. É aí que entra o malabarismo da criação...

Como é sabido, as consanguinidades estreitas [...] permitem a fixação de qualidades desejadas, assim como falhas indesejáveis. Necessário aquilatar as vantagens e desvantagens desta opção de cruzamento, para que determinadas faltas de hereditariedade acentuada, não sejam intensificadas no ambiente da criação. É, portanto, recomendável o uso desta modalidade de criação por quem possua um bom conhecimento dos antepassados, dos indivíduos a serem usados, se são ou não verdadeiros representantes das linhas a que pertencem, o que estes transmitem em termos de qualidades e defeitos, se de forma marcante ou se em determinadas combinações, ou recomendada por alguém qualificado para tal, experiente e de boa visão do contexto geral da raça, e sobretudo do plantel local. (CBPA, 2020b, p. 2)

Nesse malabarismo, o já citado “pedigree” se torna instrumental. É ele que serve como referência para criadores no momento de escolha dos exemplares, de seus graus de ancestralidade e das estratégias reprodutivas à sua disposição, para então “formar uma opinião sobre o que se pode esperar do cão em certas características e quais dessas características ele pode perpetuar” (WATSON, 1906, p. 69, tradução livre). Ao “garantir” seus “laços de parentesco” (FCI, 2013, p. 9, tradução livre), esse dispositivo tenta auxiliar

“bons criadores” a evitar “problemas futuros [...] causados por cruzamentos inapropriados” via “consanguinidade”, como “displasia coxofemoral e outros problemas genéticos” (CBKC, 2018d). A preocupação de instituições cinófilas e seus associados com a saúde e o bem-estar dos cães é presença ininterrupta no conjunto de documentos consultados e nos eventos que pude presenciar como espectador. No entanto, considerando que à sombra de estratégias reprodutivas via consanguinidade germinam robustas críticas a respeito de possíveis riscos gerados à saúde e ao desenvolvimento da prole (ARMAN, 2007), essa controvérsia também parece representar um desafio importante para os próximos passos da pesquisa.

Ao deslocar de uma ancestralidade distante para seu elo material, essas questões nos lembram que o desejo de continuidade e/ou “aprimoramento” da tipicidade dos cães de raça transcende as representações sociais para pensar sua relação com elementos-chave tais quais sangue, genes, sêmen... Símbolo e marcador de hereditariedade, é o sangue (ou melhor, a “linha de sangue”) que comporta sentidos genéticos que tornam possível envolvidos no ramo da cinofilia trabalharem para perpetuar exemplares de certa linhagem em detrimento de outras. É nos cães e em sua ascendência que se pode diagnosticar e reconhecer os “cães do futuro”, isto é, aqueles cujo legado (“seu tipo, sua força, sua pelagem, sua [...] cabeça, sua harmonia, suas angulações”) deve dar continuidade à raça, como permite pensar documento assinado por José Graça Aranha e compartilhado pelo CBPA (2019, p. 2) ao comentar de forma notadamente elogiosa a trajetória do cão da raça Pastor Alemão *Zamp vom Thermodos*, um “super reprodutor”. Parte-se do passado como referência, mas fixa-se os olhos no cão do futuro, *dead or alive*. E isso abre um interessante universo a ser considerado no futuro da pesquisa: técnicas e tecnologias reprodutivas como criopreservação, manutenção de bancos de sêmen e inseminação artificial, todas destinadas a “perpetuar o material genético de animais de alto valor afetivo ou zootécnico” (UCHOA et al, 2012, p. 133), pois como sugere artigo replicado no site do CBPA (2020e, p. 2),

Se não fosse a tecnologia do sêmen congelado, muitos dos melhores reprodutores seriam perdidos para o mundo reprodutivo. Essa tecnologia permitiu que os criadores aprendessem mais sobre os padreadores [cães machos, sendo as fêmeas reconhecidas como “matrizes”] e sobre como usar seus pedigrees muito depois de mortos.

#### **4. Breve retomada e desafios**

Me valendo de conceitos e ideias de Anna Lowenhaupt Tsing (2019), ao longo da presente comunicação apresentei minha análise de um conjunto de documentos institucionais disponibilizados publicamente pela FCI, CBKC e CBPA. À minha forma, tentei demonstrar que grande parte dos “breves resumos históricos” das raças caninas apresentadas nos documentos de Padrão Oficial das Raças sustentados pela FCI e traduzidos ao público brasileiro pela CBKC se ocupam de trazer à tona a dimensão contextual e relacional da conformação de seus mais longínquos ancestrais, e, por conseguinte, do que seriam as particularidades típicas e ideais de cada raça canina que deveriam ser celebradas, preservadas e mesmo melhoradas ao longo do tempo.

Nesse percurso, me deparei com alguns desafios e pistas para o futuro de minha pesquisa. O desafio de atentar à diversidade e às controvérsias em torno das técnicas, tecnologias e o malabarismo que uma “criação planejada” envolve, parece especialmente provocativo. Nesse ponto, Tsing segue inspirando. Se para ela (2019, p. 134) a “contingência é a chave para histórias humanas e não humanas”, o trato analítico para pensar as raças caninas precisa partir daí, mas também considerar desejos, cálculos e investimentos para que o conjunto de características distintivas ideais para cada raça canina se suceda não de forma eventual, por acaso de certa coordenação entre modos de vida multiespécie, conjuntura histórica ou cruza fortuita, mas de modo controlado e orientado para alcançar exemplares que sejam o mais semelhante possível de seu modelo. Para brincar com o título da presente comunicação, se no caso da autora que me inspirou, “em meio a perturbações, simbioses, coordenações, histórias, as paisagens oferecem o inesperado” (TSING, 2019, p. 116), com as raças caninas as **paisagens multiespécies** apresentadas nos documentos de Padrão Oficial parecem fornecer elementos sobre o que “esperar de” ou “buscar em” uma raça, isto é, detalhes de seu **corpo e mente específicos**. A partir daí, trata-se de trabalhar para tentar se aproximar dessa imagem ideal e contornar imprevisibilidades e descontinuidades, o que deflagra o malabarismo brevemente apresentado nesse texto e em uma tensão permanente com o contingente. Enfim, pistas que seguirei farejando...

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARMAN, Koharik. A New Direction for Kennel Club Regulations and Breed Standards. **The Canadian Veterinary Journal**, 48 (9), 2007, p. 953–965.

BORNEMAN, John. Race, Ethnicity, Species, Breed: Totemism and Horse-Breed Classification in America. **Comparative Studies in Society and History**, Vol. 30, No. 1 (Jan., 1988), p. 25-51.

CBKC. Confederação Brasileira de Cinofilia. **Padrão Oficial da Raça Tosa**, 1997. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_69.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_69.pdf)>. Acesso em: 29 jan 2020

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Podengo Ibicenco**, 2000. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_118.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_118.pdf)>. Acesso em 25 set 2020.

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Cão de Santo Humberto**, 2001a. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_133.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_133.pdf)>. Acesso em 27 maio 2020.

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Welsh Terrier**, 2001b. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_98.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_98.pdf)>. Acesso em 18 set 2020.

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Schnauzer**, 2007. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_62.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_62.pdf)>. Acesso em: 27 jan 2020.

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Perdigueiro Português**, 2009a. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_153.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_153.pdf)>. Acesso em 21 maio 2020.

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Podengo Português**, 2009b. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_119.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_119.pdf)>. Acesso em 21 maio 2020.

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Terrier Preto da Rússia**, 2011a. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_67.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_67.pdf)>. Acesso em 26 maio 2020.

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Pastor do Cáucaso**. 2011b. Disponível: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_57.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_57.pdf)>. Acesso em: 09 out 2020.

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Mastim Espanhol**, 2012a. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_50.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_50.pdf)>. Acesso em: 27 jan 2020.

\_\_\_\_\_. **Manual de Estrutura e Dinâmica do Cão**. Conselho Cinotécnico da CBKC. 4ª Edição, 2013. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/imagens/noticias/pdf-noticias\\_9.pdf](https://cbkc.org/application/views/imagens/noticias/pdf-noticias_9.pdf)>. Acesso em: 19 maio 2020.

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Braco Italiano**, 2015a. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_149.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_149.pdf)>. Acesso em 21 maio 2020.

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Lagotto Romagnolo**, 2015b. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_175.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_175.pdf)>. Acesso em: 12 jun 2020.

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Buldogue Francês**, 2015c. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_184.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_184.pdf)>. Acesso em 21 maio 2020.

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Cão da Groenlândia**, 2015d. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_105.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_105.pdf)>. Acesso em 08 out 2020.

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Pastor da Anatólia**, 2016. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_56.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_56.pdf)>. Acesso em: 27 jan 2020.

\_\_\_\_\_. Conselho de Árbitros da CBKC. **Julgando o Rottweiler**, 2017a. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/imagens/noticias/pdf-noticias\\_24.pdf](https://cbkc.org/application/views/imagens/noticias/pdf-noticias_24.pdf)>. Acesso em: 22 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Conselho de Árbitros da CBKC. **Julgando o Doberman Pinscher**, 2017b. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/imagens/noticias/pdf-noticias\\_22.pdf](https://cbkc.org/application/views/imagens/noticias/pdf-noticias_22.pdf)>. Acesso em: 22 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Conselho de Árbitros da CBKC. **Julgando o Basset Hound**, 2017c. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/imagens/noticias/pdf-noticias\\_17.pdf](https://cbkc.org/application/views/imagens/noticias/pdf-noticias_17.pdf)>. Acesso em: 28 maio 2020.

\_\_\_\_\_. **Regulamento de Exposições**, 2018a. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/regulamentos/regulamentos\\_15.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/regulamentos/regulamentos_15.pdf)>. Acesso em: 03 jun 2020.

\_\_\_\_\_. **Padrão Oficial da Raça Pastor de Kangal**, 2018b. Disponível em: <[https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca\\_231.pdf](https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_231.pdf)>. Acesso em: 27 jan 2020.

\_\_\_\_\_. **Fique por dentro: Saiba mais sobre Grupos Cinófilos**. 2018c. Disponível em: <[https://cbkc.org/artigos/ler/fique\\_por\\_dentro\\_saiba\\_mais\\_sobre\\_grupos\\_cinofilos](https://cbkc.org/artigos/ler/fique_por_dentro_saiba_mais_sobre_grupos_cinofilos)>. Acesso em: 20 maio 2020.

\_\_\_\_\_. **Pedigree, a identidade do seu cão**. 2018d. Disponível em: <[https://cbkc.org/artigos/ler/pedigree\\_a\\_identidade\\_do\\_seu\\_cao](https://cbkc.org/artigos/ler/pedigree_a_identidade_do_seu_cao)>. Acesso em: 16 mar 2020.

\_\_\_\_\_. **Raças**, 2020a. Disponível em: <<https://cbkc.org/racas>>. Acesso em: 27 jan 2020.

CBPA. Clube Brasileiro do Pastor Alemão. José Graça Aranha **Raçadores: Zamp vom Thermodos**. 2019. Disponível em: <<https://clubepastoralemao.com.br/admin/assets/upload/artigos/artigo06-129.pdf>>. Acesso em 15 set 2020.

\_\_\_\_\_. Humberto Gautério de Souza e Cláudio Roberto Rosa Burck. **O que é uma exposição de criação da raça Pastor Alemão**. 2020a. Disponível em: <<https://clubepastoralemao.com.br/admin/assets/upload/artigos/o-que-e-uma-exposicao-de-criacao-513.pdf>>. Acesso em 20 set 2020.

\_\_\_\_\_. Carlos Vianna Neto. **E o nosso Pastor Alemão? Segue no rumo certo?** 2020b. Disponível em: <<https://clubepastoralemao.com.br/admin/assets/upload/artigos/e-o-nosso-pastor-alemao-no-rumo-certo-609.pdf>>. Acesso em: 01 out 2020.

\_\_\_\_\_. Carlos Vianna Neto. **O direcionamento da criação e o papel da diretoria de criação e dos criadores**. 2020c. Disponível em: <<https://clubepastoralemao.com.br/admin/assets/upload/artigos/o-direcionamento-da-criacao-e-o-papel-da-diretoria-de-criacao-20.pdf>>. Acesso em: 01 out 2020.

\_\_\_\_\_. Carmen L. Battaglia. **Criando para o diferencial**. Tradução de Maria Eduarda Bicca Dode, 2020d. Disponível em: <<https://clubepastoralemao.com.br/admin/assets/upload/artigos/breeding-for-the-difference-296.pdf>>. Acesso em: 20 set 2020.

\_\_\_\_\_. Carlos Vianna Neto. **Criar, reproduzir...**, 2020e. Disponível em: <<https://clubepastoralemao.com.br/admin/assets/upload/artigos/breeding-for-the-difference-296.pdf>>. Acesso em: 15 set 2020.

\_\_\_\_\_. Carmen L. Battaglia. **Criando o cão incrível**. Tradução de Maria Eduarda Bicca Dode, 2020f. Disponível em: <<https://clubepastoralemao.com.br/admin/assets/upload/artigos/breeding-to-the-great-dogs-231.pdf>>. Acesso em: 21 set 2020.

DETURCHE, Jeremy. As vacas da discórdia: gestão e raça do rebanho entre os criadores de vacas montbéliardes na Haute-Savoie, França. Tradução de Fabiana Maizza. **Ilha**, v. 14, n. 2, p. 139-169, jul./dez. 2012.

\_\_\_\_\_. A 'genética' do cotidiano: seleção e reprodução na criação de vacas Montbéliarde (França). In: SAUTCHUK, Carlos E. (Org.). **Técnica e transformação: perspectivas antropológicas**. Rio de Janeiro: ABA Publicações, 2017, p. 379-400.

FCI. Federação Cinológica Internacional. **Estrategias internacionales de Cría de la FCI**, 2010. Disponível em: <<http://www.fci.be/medias/ELE-REG-STR-es-2251.pdf>>. Acesso em: 28 jan 2020.

\_\_\_\_\_. **Reglamento internacional de Cría de la FCI**, 2013. Disponível em: <<http://www.fci.be/medias/ELE-REG-es-10993.pdf>>. Acesso em 28 jan 2020.

\_\_\_\_\_. **História**, 2020a. Disponível em: <<http://www.fci.be/es/Historia-de-la-FCI-1.html>>. Acesso em: 27 jan 2020.

\_\_\_\_\_. **Modelo de Estándar FCI**. Sem data. Disponível em: <<http://www.fci.be/medias/FCI-REG-RGT-STA-MOD-ANN-006-es-11327.doc>>. Acesso em: 20 maio 2020.

LEAL, Natacha Simeí. **Nome aos bois**. Zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo (USP), 2014.

\_\_\_\_\_. *O début do touro Ranchi: uma celebração da pecuária de gado de elite*. In: BE-VILAQUA, Ciméia; VELDEN, Felipe Vander (Org). **Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais**. Curitiba: Ed. UFPR; São Carlos, SP: EdUFSCar, 2016, p. 77-102.

MUNANGA, Kabenguele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Identidade nacional *versus* identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PELLEGRINI, Patricia. De l'idée de race animale et de son évolution dans le milieu de l'élevage. **Ruralia** [En ligne], 05/1999, mis en ligne le 25 janvier 2005. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/ruralia/112>>. Acesso em: 09 set 2019.

PEMBERTON, Neil; WORBOYS, Michael. The invention of the basset hound: breed, blood and the late Victorian dog fancy, 1865–1900. **European Review of History**, 22:5, p. 726-740, 2015.

SOBRACI. Sociedade Brasileira de Cinofilia Independente. **Conheça os 4 principais tipos de cruzamentos de cães**, 2019a. Disponível em: <<https://blog.sobraci.com.br/principais-cruzamentos-de-caes/>>. Acesso em: 20 set 2020.

\_\_\_\_\_. **Afinal, qual é a importância do pedigree?** 2019b. Disponível em: <<https://blog.sobraci.com.br/importancia-do-pedigree/>>. Acesso em: 20 set 2020.

SWART, Sandra. Dogs and Dogma: A Discussion of the Socio-Political Construction of Southern African Dog 'Breeds' as a Window on Social History. **South African Historical Journal**, 48 (1), 2003, p. 190-206.

TAUSZ, Bruno. **Dicionário de cinologia**. São Paulo: Nobel, 1997.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno**. Edição Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

UCHOA, Daniel Couto; SILVA, Ticiano Franco Pereira da; FILHO, Antônio Cavalcante Mota; SILVA, Lúcia Daniel Machado da. Criopreservação de sêmen e inseminação artificial em cães. **Ciência Animal**, 22(1), 2012 – Edição Especial.

WATSON, James. **The dog book**, Volume I. New York: Doubleday, Page & Company, 1906.